

Revista Pandora Brasil

[Home](#) [Índice](#) [Minicurrículos dos autores](#)

O realismo mágico metafísico em *Il Barone rampante*, de Italo Calvino

Kelli Mesquita Luciano¹

Resumo: A extensa produção de Italo Calvino (1923-1985) inclui contos, romances, ensaios, entre outros. Uma de suas obras de destaque é a trilogia / *Nostrí Antenati* (1950-1960), em que estão reunidos os romances “Il visconte dimezzato”, “Il barone rampante” e “Il cavaliere inesistente”. Trata-se de textos pontuados de situações e personagens sobrenaturais, e ambientados em lugares imaginários. Buscamos a discussão das características que aproximam *Il barone rampante* a variedade do realismo mágico metafísico em contraposição com os subgêneros fantástico e o maravilhoso.

Palavras-Chave: Italo Calvino; realismo mágico; literatura italiana

Objetivos e metodologia

Almejamos apontar semelhanças e diferenças entre o fantástico, o maravilhoso e o realismo mágico, haja vista que esses subgêneros têm muitos elementos próximos ou em comum. Com isso, pretende-se entender melhor a adequação do romance *Il barone rampante* (1957) ao realismo mágico. Para tanto, será realizada a análise dos elementos insólitos da narrativa, partindo-se das teorias de estudiosos como Todorov, Coalla, Roas, Chiampi e Spindler.

Na análise desse romance evidenciam-se as incertezas, o conflito entre o interior do indivíduo e a realidade externa – o que se expressa mediante a

¹ Aluna do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – FCL – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Nível: mestrado. Orientadora: Profa. Dra. Karin Volobuef, Co-orientadora: Profa. Dra. Cláudia Fernanda de Campos Mauro.

ocorrência de acontecimentos insólitos. O enredo se passa no século XVIII e os acontecimentos nos são relatados pelo narrador-personagem Biágio de Rondó, irmão mais novo do protagonista Cosme de Rondó, filho de uma família da aristocracia decadente em terras genovesas. O protagonista discute com seu pai, o Barão Armínio de Rondó, e por causa desse desentendimento passa a morar na copa das árvores, de onde nunca mais desce até o resto de sua vida. A partir desse evento, Calvino aborda questões existenciais, que traduzem a busca por uma totalidade inatingível, a fragmentação do homem contemporâneo, a ruptura com a sociedade tradicional e a recusa dos papéis por ela atribuídos ao indivíduo. É amplo o leque formado por esses aspectos – que inclusive não excluem a interface com eventos da realidade sócio-histórica da Itália na primeira metade do séc. XX.

Resultados e discussões

Uma mesma obra pode apresentar características de mais de um gênero, conforme lemos em Todorov, que em *Introdução à literatura fantástica* afirma que:

[...] não há qualquer necessidade de que uma obra encarne fielmente seu gênero, há apenas uma probabilidade de que isso se dê. Isto é o mesmo que dizer que nenhuma observação das obras pode a rigor confirmar ou negar uma teoria dos gêneros (TODOROV, 1975, p. 26).

De acordo com o mesmo autor:

Num mundo que é exatamente o nosso, aqueles que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis, ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. Ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário, ou então existe realmente, exatamente como os outros seres vivos: com a ressalva de que raramente o encontramos (TODOROV, 1975, p. 30).

Vamos agora, comentar as características distintivas do gênero fantástico no século XIX e na contemporaneidade, primeiramente, com base em *Lo fantástico en la obra de Adolfo Bioy Casares*, de Coalla (1994, p.107), que esclarece que o fantástico do século XIX apresenta transgressões referentes ao campo semântico, ao passo que, no fantástico da contemporaneidade, percebe-se o esgotamento das situações escandalosas, surpreendentes, destaca como infração, a ruptura da organização dos conteúdos, no nível sintático. A aparição de fantasmas não é mais um fator determinante para a classificação de um texto como fantástico.

David Roas, em *Teorias de lo fantástico* (2001, p. 276), trata a distinção do fantástico do século XIX em relação ao fantástico contemporâneo, optando por denominar este último como “neofantástico”. Ele esclarece que o fantástico do século XIX buscava provocar medo no leitor, ao passo que isso não ocorre no “neofantástico”. Neste são narradas situações insólitas que geram uma perplexidade, uma inquietação, mas, na realidade, sua intenção é outra. Geralmente, são empregadas metáforas que visam expressar acontecimentos sem explicação racional, pois escapam da linguagem da comunicação habitual, isto é, não podem ser explicadas pelas leis naturais, além de irem contra os conceitos científicos.

Há diversas definições de maravilhoso, dentre elas utilizaremos as de Irlemar Chiampi, Tzvetan Todorov e David Roas.

Para Chiampi: “Tradicionalmente, o maravilhoso é, na criação literária, a intervenção de seres sobrenaturais, divinos ou legendários (deuses, deusas, anjos, demônios, gênios, fadas) na ação narrativa ou dramática [...] (1980, p. 49).

Outra consideração da estudiosa é sobre a aceitação do sobrenatural no gênero maravilhoso: “Nos contos maravilhosos (com ou sem fadas), não existe impossível nem o escândalo da razão: tapetes voam, galinhas põem ovos de ouro, cavalos falam, príncipes viram sapos e vice-versa” (CHIAMPI, 1980, p. 49).

Todorov, assim como Chiampi considera que:

No caso do maravilhoso os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito. Não é uma atitude para com os acontecimentos narrados que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos (TODOROV, 1975, p. 59-60).

Roas refere-se ao subgênero maravilhoso como uma realidade maravilhosa que apresenta maravilhas ocultas na realidade:

Maravilhosa no sentido de que a realidade cotidiana esconde uma segunda realidade que não é nem misteriosa, nem transcendente, nem teológica, mas que é profundamente humana, todavia por uma série de equívocos ficou escondida atrás de uma cultura, na qual existem maravilhas, mas também profundas aberrações [...] (ROAS, 2001, p. 275, tradução nossa)².

Outro gênero que precisamos abordar para nossa análise de Calvino é o realismo mágico. Utilizaremos para tanto, “O realismo maravilhoso”, de Irlemar Chiampi e “Realismo mágico: uma tipologia”, artigo de William Spindler. Chiampi considera que:

Quando em 1925, o historiador e crítico de arte Franz Roh cunhou o termo realismo mágico, já ficou patenteado o ponto de vista fenomenológico [...]. Roh visava caracterizar como realista mágica a produção pictórica do pós-expressionismo alemão (afim à arte metafísica italiana da mesma época), cuja proposta era atingir uma significação universal exemplar, não a partir de um processo de generalização e abstração como fizera o expressionismo de anteguerra pelo reverso: representar as coisas concretas e palpáveis, para tornar visível o mistério que ocultam (CHIAMPI, 1980, p. 21).

Spindler aponta que o Realismo Mágico não é uma junção de “realidade e fantasia”, mas sim “uma maneira de revelar o mistério oculto nos objetos ordinários e na realidade do dia-a-dia” (SPINDLER, manuscrito, p. 1). Ele nos

² “*Maravillosa en el sentido de que es la realidad cotidiana enmascara una segunda realidad que no es ni misteriosa, ni trascendente, ni teológica, sino que es profundamente humana, pero que por una serie de equivocaciones ha quedado como enmascarada atrás de una cultura en la que hay maravillas, pero también profundas aberraciones [...]*” (ROAS, 2001, p. 275).

apresenta três variações de realismo mágico: antropológico, ontológico e metafísico.

O realismo mágico antropológico está relacionado à especificidade de referentes míticos e histórico-culturais num determinado grupo étnico ou social: “A palavra ‘mágico’ nesse caso é tomada no sentido antropológico de um processo usado para influenciar o curso dos acontecimentos fazendo funcionar os princípios secretos ou ocultos controladores da natureza” (SPINDLER, manuscrito, p. 5).

Enquanto no realismo mágico ontológico: “[...] o sobrenatural é apresentado de um modo realista como se não contradissesse a razão e não são oferecidas explicações para os acontecimentos irrealis no texto. Não há referência à imaginação mítica de comunidades pré-industriais” diferindo do antropológico, além disso, o narrador não se apresenta alterado, intrigado ou conturbado diante dessa realidade, como ocorre, por exemplo, em *A Metamorfose* (1915), de Franz Kafka (SPINDLER, manuscrito, p. 7).

Embora considere difícil classificar a obra de Calvino, Spindler (p. 8) aproxima a narrativa em questão da variedade metafísica do realismo mágico, haja vista que a história apesar de incomum não é totalmente impossível de acontecer.

Em literatura, Realismo Mágico Metafísico é encontrado em textos que induzem a um senso de irrealidade no leitor pela técnica do *Verfremdung* (estranhamento), por meio do qual uma cena familiar é descrita como se ela fosse algo novo e desconhecido, mas sem lidar explicitamente com o sobrenatural, como por exemplo, em *O processo* de Franz Kafka (1925) e *O castelo* (1926); **O deserto dos tártaros** de Dino Buzzati (1940) [...] (SPINDLER manuscrito, p.5, grifo do autor).

Sobre o romance *Il barone rampante*, Spindler coloca que:

[...] O barão nas árvores (1957) conta a estranha, mas não completamente impossível história, de um garoto que sobe em árvores e se recusa a descer pelo resto de sua vida. Apesar desse incomum ponto de partida, o romance não narra qualquer acontecimento sobrenatural (SPINDLER, manuscrito, p.8).

A decisão de Cosme de morar nas árvores e sua recusa a descer de lá, não provoca nenhuma hesitação nos demais personagens, a história afasta-se do gênero fantástico, e por não ser um acontecimento totalmente impossível, a narrativa distancia-se do gênero maravilhoso, no qual não existe impossível. Por essas razões *Il barone rampante* aproxima-se mais do gênero realismo mágico.

Considerações finais

Calvino opta por tratar questões iluministas e da Revolução francesa a fim de compará-las ao momento em que viveu, pois na primeira metade do século XX, ocorreram a Primeira e a Segunda guerras mundiais, o que deixou um espírito de descrença nos intelectuais do período, houve o Pós-guerra, o fascismo, liderado por Mussolini na Itália, o nazismo, preconizado por Hitler na Alemanha, acontecimentos que influenciaram a escrita dos escritores.

Em *Il barone rampante* são refletidos esses eventos, pois é abordada essencialmente a questão do intelectual que tinha forte crença em ideais revolucionários e, no entanto não consegue realizá-los, até porque se tratam de mudanças que exigem a transformação do pensamento coletivo. Cosme buscava transformar a realidade da sociedade, mesmo estando sob as árvores, mas não consegue porque está só, ou seja, falta apoio coletivo; apesar do protagonista ter integrado diversos grupos de discussões e reflexões intelectuais, estes acabam se dissolvendo pela falta de unidade, de força conjunta. Vale lembrar que Calvino integrou por um tempo o Partido Comunista, mas passou por algumas decepções, como o conhecimento de certos campos de concentração *gulags* existentes na Rússia, que era governada por Stálin. Desse modo, observamos a decepção dos intelectuais com a esquerda, pois mesmo quando essa tinha acesso ao poder, tinha as mesmas atitudes dos governos déspotas de direita.

A fuga de Cosme pelos ares através do balão de ar *golferiere* (galicismo advindo da língua francesa) pode inferir os avanços tecnológicos, as formas de locomoção, enfim o progresso que estaria por vir, e tal representação nos

sugere o apego a um fio de esperança, pois desse modo o intelectual não deve deixar de lutar por seus ideais, pois é reforçada a perseverança na melhoria das relações e formas de vida humanas. Assim, pode-se dizer que se Cosme descesse das árvores e voltasse para a terra, ele assumiria o fracasso, a não transformação no meio social.

Com a feitura desse romance Calvino não buscou dar soluções ou respostas para os dramas do homem contemporâneo, mas, sim, a reflexão coerente em torno da importância da busca pelo conhecimento aliado à ação consciente e coletiva da sociedade. Observamos neste romance a autodeterminação individual do protagonista e sua aspiração a uma completude não individualista, ou seja, a realização de melhorias que englobem a humanidade como um todo. Portanto, consideramos pertinente a apresentação de um panorama sobre os possíveis subgêneros a que se aproximariam à obra, além de explanarmos algumas referências históricas para a análise do romance em questão.

Referências bibliográficas

CALVINO, Italo. *I nostri antenati: Il visconte dimezzato. Il barone rampante Il cavaliere inesistente*. Milano: Mondadori, 1991.

CHIAMPI, Irleamar. *O Realismo maravilhoso*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

COALLA, Francisca Suárez de. *Lo fantástico en la obra de Adolfo Bioy Casares*. Colección; Lecturas Críticas/18. Año del Cincuentenario de la Autonomia. Universidad Autónoma del Estado de México, 1994.

ROAS, David (Org.). *Teorias de lo fantástico*. Madrid: Arco Libros, 2001.

SPINDLER, William. *Realismo mágico: uma tipologia*. Tradução de Fábio Lucas Pierini. Texto digitado.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.